

PAULO FREIRE: INTERCULTURALIDADE E PEDAGOGIA DESCOLONIAIS

Por Giselle Moura Schnorr e Geraldo Balduino Horn

Começamos com nosso ponto de partida: “Nosso Norte é o Sul, por isso colocamos o mapa ao contrário” ou, como dizia Frantz Fanon, “Então, irmãos, como não compreender que temos algo melhor a fazer do que seguir a Europa? [...] se queremos que a humanidade avance, se queremos levá-la a um nível diferente daquele em que a Europa a manifestou, então é preciso inventar, então é preciso descobrir.”

Paulo Freire teve esta intuição, a de que o caminho parte de nós mesmos, de nossa história, dos saberes de *experiências feitas* e de um movimento permanente de investigação e de problematização, insistindo na construção de outra humanidade. Tal como, no século XIX, indicou José Martí: “Conhecer o país e governá-lo conforme o conhecimento é a única forma de livrá-lo das tiranias. [...] A história da América, dos Incas até aqui, tem que ser ensinada em detalhes, embora não se ensine a dos arcontes da Grécia. Nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. É mais necessária para nós.”

Desde “Educação e Atualidade Brasileira” (1959) até “Pedagogia da Autonomia” (1996), Freire produziu uma extensa obra ancorada em práticas educativas em diversas culturas – latino-americanas, africanas, europeias e estadunidenses. Andarilhando por vários países, foi um intelectual orgânico comprometido com “os/as esfarrapados/as do mundo”. A utopia de Paulo Freire nos instiga a refletir sobre a dimensão intercultural e descolonial de seu pensamento, assim, sobre a busca por estabelecer aproximações e não comparações.

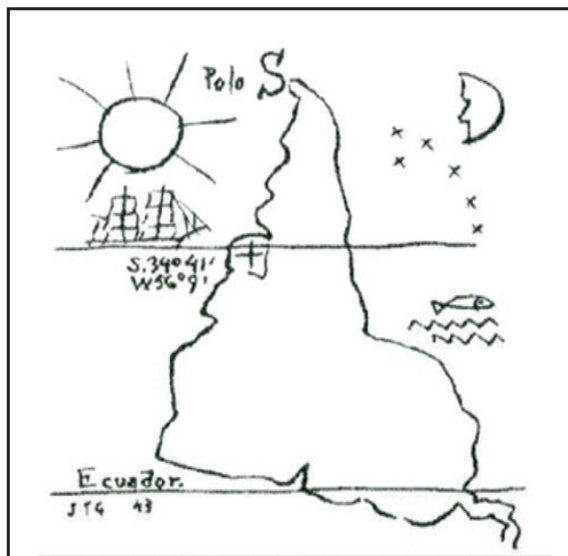
No estágio de pós-doutorado (NESEF/PRPPG/UFPR), realizamos o projeto intitulado: “Tecendo convergências na construção de inéditos viáveis: Paulo Freire, interculturalidade e descolonização”. Para o desenvolvimento deste trabalho teórico-prático, realizamos uma chamada pública e constituímos alguns coletivos pedagógicos, conceito apreendido de bell hooks em “Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade” (2013); resultaram, dessa forma, as seguintes ações: a) Ciclos de Estudos Paulo Freire, interculturalidade e pedagogias descoloniais; b) Círculo de Cultura Leia Mulheres (UFPR e UNESPAR); c) Círculo de Estudos sobre Currículo e Território na Escola Municipal Dario Bordin (União da Vitória) e na Escola Estadual Izelina Daldin Gaiovicz (General Carneiro); d) Grupo de Estudos Pedagogia Insubmissas: interculturalidade, gênero, raça e pobreza (UNESPAR).

Esses coletivos foram importantes na efetivação de vivências coletivas e dialógicas e na sistematização de conhecimentos com os/as envolvidos/as, atualizando, reinventando Paulo Freire. Realizamos estudos teóricos do pensamento freireano, tecendo fios sobre a história de suas ideias e alguns de seus interlocutores. Dialogamos, dialogamos! Seguindo a expressão “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, procuramos exercitar a escuta e construir algumas estratégias de expressão, comunicação, registro, acolhendo cada um/a, assim como sintetizar conhecimentos em outras linguagens.

Entre essas outras linguagens, produzimos mandalas em tecido, onde, em cada coletivo pedagógico, ocorreu a livre expressão de pensamentos, de sínteses em palavras, desenhos, objetos.

Exercitamos a escuta e o direito à palavra. Reflexões profundas, por vezes tensas, com dissensos, risos e lágrimas. Vivenciamos o afeto como componente político, tal como lemos em

“O amor como prática de liberdade”, de bell hooks: “Uma cultura de dominação é anti-amor. Exige violência para se sustentar. Escolher o amor é ir contra os valores predominantes dessa cultura”, nesse *que fazer* vemos a potência do fortalecimento mútuo, do visitar nossas histórias de vida, as nossas lutas, inquietações, fortalezas: “Sempre que aquelas/es de nós que são membros de grupos oprimidos se atrevem a interrogar criticamente nossas posições, as identidades e lealdades que informam como vivemos nossas vidas, iniciamos o processo de descolonização. Se descobrimos em nós mesmas/os auto-ódio, baixa autoestima ou um pensamento branco supremacista interiorizado e os enfrentamos, podemos começar a curar. Reconhecer a verdade de nossa realidade, tanto individual como coletiva, é uma etapa necessária para o crescimento pessoal e político” (bell hooks).



“América invertida”, de Joaquim Torres Garcia (Uruguai, 1943).

Os acontecimentos recentes na América Latina em Chile, Equador, Bolívia reafirmam que somos um continente que tem muito a caminhar rumo a liberdade e a aprendizagem sobre acertos e erros do fazer política.

Nesta edição do Jornal Sísifo falamos um pouco das tessituras de esperança e aprendizados ao longo de 2019, alinhavadas na palavras de Pedro Gonçalves em “Contra o silêncio escandaloso da queda, os sons do diálogo”; no compartilhamento sobre a potência dos trabalhos da Rede de Mulheres Negras do Paraná e das Promotoras Legais Populares de Curitiba relatadas por Gabriela Martins e Luizene Coimbra Cruzzulini em “Mulheres que Ousam Lutar” e no relato de experiência com Joana D’Arc Vaz e Almir Sandro Rodrigues em “Comunidades Pedagógicas em Círculos de Cultura”.

MULHERES QUE OUSAM LUTAR!

Por Gabriela Martins e Luizene Coimbra Cruzzolini

A realidade das mulheres brasileiras é atravessada pela maternidade solo, violência doméstica, por exploração e abusos sexuais, violência obstétrica e LBTfobia. Mulheres negras representam mais da metade dessas mulheres, visto que o abandono e as violências são agravados pelo racismo, implicando também na falta de acesso à saúde, baixa escolaridade e no encarceramento em massa. Diante desta realidade apresentamos duas experiências de movimentos de mulheres que se auto-organizam política e coletivamente. Construímos um projeto anticapitalista, anticolonialista e antirracistas e que vamos relatar brevemente neste texto. Iniciando pela Rede de Mulheres Negras no Paraná e na sequência as ações formativas das Promotoras Legais Populares de Curitiba e Região Metropolitana.

Rede Mulheres Negras

Nossa sociedade foi atravessada pela exploração e colonização das terras e dos corpos, de povos indígenas, africanos e afrodiáspóricos, onde há mais de 500 anos, nesse território denominado brasileiro, a Europa e a branquitude impõe padrões culturais, de beleza, autocuidado e fé, que geram a marginalização e desatenção do Estado para pessoas e culturas de povos indígenas e africanos em diáspora. Com o objetivo de combater o racismo, resgatar saberes tradicionais e promover a valorização da cultura e das religiões de matrizes africanas no Paraná, a Rede Mulheres Negras do Paraná, que é uma organização sem fins lucrativos, independente e autônoma, fundada em 2006, atua na defesa dos direitos das mulheres, em especial das mulheres negras. Com formações, oficinas e palestras, a organização atua para formar redes e ações coletivas na defesa e fortalecimento das mulheres negras, na promoção e garantia da saúde da população negra, soberania alimentar, estimulando autocuidado e autoestima, fomentando a participação das mulheres em órgãos de controle social, na luta contra

toda forma de violência. Acreditando sempre que a nossa luta é coletiva!

Tudo que nós temos é uns aos outros!
- Emicida



Promotoras Legais Populares (PLPs) Trazida para o Brasil em 1992, pela Themis (Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero) e pela União de Mulheres de São Paulo, quando tomaram conhecimento de sua existência por meio do CLADEM – Comitê Latino Americano e Caribenho de Defesa dos Direitos da Mulher. Em Curitiba, chega em 2012, com a iniciativa de um grupo de mulheres, estudantes da Faculdade de Direito, da Universidade Federal do Paraná. Uma das integrantes do grupo conhece o modelo paulista e propõe a organização do mesmo, com base nas observações atentas das situações de desigualdades e de diversos tipos de violências (doméstica, sexual, institucional, simbólica, racial e de gênero) sofridos pelas mulheres em nossa região. Essas violências e desigualdades são historicamente e intencionalmente reproduzidas a partir da herança colonial e pelo sistema capitalista, portanto se faz necessário o enfrentamento cotidiano de forma organizada e coletiva. Por esses motivos decidem organizar um curso de extensão, baseado na metodologia da educação popular freireana. Significa dizer que o projeto se constrói coletivamente - organizadoras, cursistas e facilitadoras - transformam e se transformam, constroem e se desconstroem politicamente, num movimento de luta constante, participativo, de troca de saberes para a construção de uma sociedade onde as diferenças nos aproximem e as desigualdades deixem de existir.

Nossos objetivos são:

1. Promover a cidadania e a igualdade de gênero, classe e raça visando à emancipação das mulheres, a partir da percepção e da identificação dos contextos de exploração, dominação e opressão que nos envolvem cotidianamente;
2. Defender ações afirmativas e políticas públicas de promoção da igualdade que fomentem os direitos das mulheres, fortalecendo-as;
3. Estimular e fomentar a organização política e popular das participantes para que multipliquem os conhecimentos conjuntamente produzidos nos movimentos em que atuam;
4. Criar uma rede de mulheres para contato, acolhimento, realização de eventos e lutas por direitos.

Anualmente, o curso é ofertado para mulheres do meio popular, lideranças comunitárias, grupos de mulheres autônomas, de sindicatos, movimentos sociais, organizações da sociedade civil ou que trabalham com políticas públicas. Encerramos a oitava turma, praticamente 400 mulheres já passaram por essa importante iniciativa de educação política para as mulheres ao longo desses oito anos de RESISTÊNCIA!!!

**MULHERES QUE OUSAM LUTAR,
CONSTROEM O PODER POPULAR!!!**

COMUNIDADE PEDAGÓGICA EM CÍRCULOS E CULTURA

Por Joana D'Arc Vaz, Almir Sandro Rodrigues e Giselle Moura Schnorr

*"A pedagogia que me toca é a pedagogia que escuta, provoca e vive a difícil experiência da liberdade, reconhecendo que há uma distorção, o autoritarismo. Minha opção é por uma pedagogia livre para a liberdade, brigando contra a concepção autoritária de Estado, de sociedade."
Paulo Freire em Conversação Libertária com Edson Passeti*

A permanente busca de compreensão e releitura dos caminhos por onde passam projetos de mundo e propostas de educação no Brasil e na América Latina ainda são manifestos pelo legado do educador brasileiro Paulo Freire, que nos impeliu na construção de Círculos de Cultura, grupos/ciclos de estudos.

Os problemas educacionais de nosso tempo, nas diversas dimensões de politicidade e educabilidade nos processos históricos, políticos, econômicos, culturais e sociais, nos âmbitos dos territórios locais e globais são os fios condutores no estudo do pensamento de Freire e outros/as pensadores/as que problematizam a educação e suas interfaces com a transformação da sociedade.

Como educador e educadoras inseridos numa universidade pública, num campus de formação de professores/as com cursos de licenciaturas e em meio aos desafios contemporâneos, vivendo numa das regiões como mais baixo índice de desenvolvimento humano do Estado, temos procurado articular projetos de ensino, pesquisa e extensão e construir experiências de reaprendizagem tanto no modo de fazer escola como no modo de pensar a formação inicial e continuada de professores/as.

Dentre as ações que iniciamos em 2019 destacamos o mapeamento, na região do Contestado, de experiências pedagógicas, memórias coletivas no sentido de reconhecimento de saberes silenciados, a análise de políticas de desenvolvimento regional e a formação do território. A pesquisa participante e a escuta dialógica de experiências tem sido empreendidas para (re) conhecer **com** os sujeitos a realidade socioeconômica e coletivamente promovermos troca de saberes entre universidade, escolas e comunidades, e assim (re)pensarmos os currículos numa perspectiva libertadora, onde as escolas são compreendidas como espaço estratégicos de vivências interculturais, descoloniais, portanto, de produção de conhecimentos.

Com a organização de Círculos de Cultura e grupos/ciclos de estudos na UNESPAR - campus de União da Vitória, com destaques no Núcleo de Estudos de Fundamentos da Educação e Métodos (NEFEM), no Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) e Colegiado de Filosofia; na UFPR, via Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre o Ensino de

Filosofia (NESEF/UFPR) gestamos comunidades pedagógicas que visam potencializar a participação dos/as sujeitos exercitando o saber de si na história local e global, em processos formativos teórico-práticos.

Os Círculos de Cultura, enquanto uma proposta elaborada por Paulo Freire, visam a promoção de práticas formativas radicalmente horizontais, tendo como princípios a dialogicidade, a construção coletiva e participativa. Exercitando essa proposta, como já anunciado aqui, temos promovido algumas iniciativas com encontros mensais com os participantes, com a leitura prévia de um texto ou de uma obra; exercícios de investigação com a comunidade ou na escola e compartilhamentos acerca de experiências em que estão inseridas/os de forma que cada participante possa vivenciar a condição de produtor de conhecimentos e a capacidade de reinventar suas práticas educativas.

A título de exemplo: o Círculo de Cultura que ocorre mensalmente na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental I Dario Bordin, de União da Vitória/PR, no distrito São Cristóvão, com toda a equipe de educadoras e um educador, temos identificado, problematizado relações entre ensino-aprendizagem em diálogo com a realidade socioeconômica local.

A equipe pedagógica da escola em contato conosco destacou o trabalho com projetos, o que tem permitido um diálogo mais efetivo com as crianças, educadoras/es e comunidade, trazendo como desafio aprofundar as relações entre o currículo vivido e prescrito com os projetos extracurriculares. No círculo de cultura construímos um rico trabalho de compartilhamento do trabalho realizado nos projetos extracurriculares e por meio da escuta dialógica acerca dos desafios surgiu os temas geradores: território e meio ambiente (dimensão socioambiental) e trabalho em rede - interações escola, família, educadores/as, estudantes, nas dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais, da saúde, com ênfase nas desigualdades e pobreza que afligem este território.

Utilizando-se de estratégias para produção de sínteses de experiências, saberes temos elaborado mandalas, cartazes e pequenos textos. A cada encontro realizamos uma avaliação na busca de construir os parâmetros de autoanálise das nossas práticas e coletivamente pensamos os próximos passos. Essas ações tem proporcionado (re) criar não somente releituras do pensamento freireano, mas sobretudo, permitem as novas "tessituras" sobre alternativas de educação, ou seja, produção de conhecimentos em comunidades pedagógicas e possíveis práticas transformadoras - pedagogias insubmissas dialética e dialogicamente embebidas da interculturalidade e descolonialidade.

CONTRA O SILÊNCIO ESCANDALOSO DA QUEDA, OS SONS DO DIÁLOGO

Por Pedro Gonçalves



Não é novidade o sentimento de que estamos às margens de um precipício bem fundo do qual a iminência de sermos engolidos para dentro de suas escuridões parece, a cada dia, mais evidente. Nessa expectativa da queda no vazio, as palavras de ordem dissolvem-se na escuridão das tentativas do que quer que seja resistir e caem no que Silva Cusicanqui chama de umbral da palavra.

Tarefa urgente é avançar em novas tecnologias de ação, mas sem perdemos de vista, ouvidos, tatos e outros sentidos de que o que nos empurra pelas costas em direção a este buraco são formas, também sem nenhuma novidade, de roubo do que possamos entender por nossa humanidade. Mas antes de qualquer depreciação de luta e desespero fatalista de uma passividade inevitável, Paulo Freire é a contra-mola que não vacila, que segura a primavera nos dentes e nos diz, com sua escrita certa, que “realmente não há por que se desesperar se se tem a consciência exata, crítica, dos problemas, das dificuldades e até dos perigos que se tem à frente”. Se como nos mostra Achille Mbembe, “a vida é aquilo que a luta conseguir produzir”, o chamado de Freire para nossa vocação ontológica maior de sermos sujeitos de nossa história é direta: não há tempo para desesperança!

Saber de onde partimos é fundamental para que possamos dar autodeterminação às nossas alternativas de vida. Assim, restituir a humanidade que nos foi (e ainda é) negada por um colonialismo incansável é tarefa dos que ouvem e acolhem, em suas cucas maravilhosas, a proposta de construir, concretamente – e nos termos de Fanon – um novo humanismo. Para tanto, Freire nos ensina amorosamente que a palavra orgânica, comprometida e engajada no diálogo com as pessoas é condição de possibilidade para este projeto de sociedade. E nessa recusa ao umbral da palavra, recusamos também os discursos unilaterais e autoritários.

Recusamos um pacote que produz a desesperança e nos vende um fim de mundo inevitável e cinza. Contra essa investida colonial que nos deprime na medida em que nos espreme, não caímos em vacilações: o ato de amor à condição urgente de viver neste mundo nos convoca à capacidade de criar coletividades e fazê-las (con)viver, mesmo (e urgentemente) para fora dos limites de uma humanidade ensimesmada. Criemos pontes e laços, alianças com seres diversos para fazer da existência uma viagem a mais plural possível.

Nesse sentido, as experiências que tivemos durante o pesado ano de 2019 no grupo de estudos dedicado ao pensamento Freiriano pôde nos alertar para este chamado que certamente oferece uma ação diante à passividade anêmica em que insistem em nos fazer crer. Cantar, vibrar e estar em união e diálogo: “consciência para ter coragem” e “respirar o amor, aspirando liberdade”.

Viva Paulo Freire! Paulo Freire Vive!

.....

AGENDA DO NESEF (eventos importantes)

- **Dia 27/11/2019**, das 14:00 às 16:00: Encontro do Coletivo do NeseF para avaliação/2019 e planejamento/2020
- **Dia 30/11/2019**, das 8:00 às 12:00: Seminário Regional de Encerramento Comissões de Saúde de Escolas de Curitiba e Região Metropolitana, no Instituto Federal, Campus Curitiba
- **Dias 30/11 e 07/12**, às 14:00: Reunião da coordenação do Cursinho RUMO com as entidades apoiadoras e os professores. Assunto: Planejamento/2020, aprovação do estatuto e do PPP do Cursinho (local a definir)
- **Dia 04/12/2019**, das 9:00 às 12:00: Audiência Pública: Os Impactos da BNCC na Organização Curricular do Ensino Médio. Local: Plenarinho da ALEP
- **Dia 07/12/2019** das 9:00 às 12:00: Grupo Paulo Freire, Interculturalidade e Pedagogias Descoloniais e Grupo Leia Mulheres. Local: sala 240, Campus Rebouças - UFPR

.....

Participe do Jornal
ENVIE SEU ARTIGO PARA
jornalsisifo@gmail.com

Editores: Geraldo Balduino Horn e Alexsander Machado
Diagramação: Bardo Revisão (bardo.revisao@gmail.com)